

Vivemos num mundo cada vez mais definido pelo raciocínio frio e lógico das ciências, um mundo no qual um número vale mais do que uma palavra. Nua sociedade assim limitada pelo que é dito objetivo e numérico, como poderá o ser humano atingir a sua plena concretização?

É que este dilema que, a meu ver, se apresenta atualmente como um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento de um ser que é, por excelência, marcado pela intersubjetividade e por valores qualitativos (e não quantitativos). Afigura-se-me um caminho que permite ultrapassar esta encruzilhada: a aposta na arte e, em particular, na literatura, enquanto dimensão humana que deve orientar a nossa vida individual, intelectual e social.

Olhemos para o papel que a literatura tem desempenhado no passado da nossa espécie, começando pelas cantigas transmitidas oralmente, de geração em geração. Podemos verificar que, de um modo geral, tem sido uma das vertentes que definem o expoente máximo de cada cultura, através da qual podemos aceder ao passado e a outros modos de vida díspares, relativamente ao nosso próprio. Mas também notamos que a literatura tem sofrido uma crescente desvalorização, que terá começado, porventura, com a ascensão da ciência e com a sua progressiva pretensão do valor de validade única e inabalável.

Pretendo mostrar que a desvalorização da literatura que se verifica nos nossos tempos contrasta com a importância que quase sempre teve para os nossos antepassados. Não poderíamos argumentar que a desvalorização das obras literárias surge associada à ignorância e à decadência da nossa própria humanidade?

Termino com um apelo no sentido do reconhecimento da importância da literatura, que me parece constituir um dos pilares centrais que suportam toda a nossa civilização.

Thomas Hughey Childs (11.º ano) – Escola Secundária de Camões, Lisboa